

# INFÂNCIA E INFANTIL: DIFERENCIAÇÃO CONCEITUAL E REPERCUSSÕES CLÍNICAS

CHILDHOOD AND INFANTILE: CONCEPTUAL DIFFERENTIATION  
AND CLINICAL IMPLICATIONS

Renata Carvalho Campos <sup>1</sup>

## Resumo

A infância compreende o tempo de inscrição dos primeiros traços das experiências no psiquismo. Já o infantil está associado à sexualidade e ao inconsciente, constituindo-se como marca no psiquismo. Esse artigo compõe parte da pesquisa do mestrado cujo objetivo é investigar os fundamentos da clínica psicanalítica com adultos e crianças tendo o infantil como articulador. Abordamos a diferença conceitual entre infância e infantil, apontando sua relevância teórica, bem como suas repercussões na clínica. Utilizamos, por fim, a noção de neurose infantil como elemento central, que aproxima, na análise, adultos e crianças, tendo em vista, referir-se à estruturação do sujeito.

**Palavras-chave:** Infância, infantil, clínica psicanalítica.

## Abstract

Childhood corresponds the time of registration of the first traces of the experiences in the psyche. While the infantile is associated with sexuality and the unconscious, establishing itself as the brand psyche. This article consists of the master's research aimed at investigating the foundations of psychoanalytic treatment of adults and children with the infantile as an articulator. We address the conceptual difference between childhood and infantile, pointing their theoretical relevance, as well as their impact in the clinic. Use, finally, the concept of infantile neurosis as a central element that brings in the analysis, adults and children, because it refers to the subjective structure.

**Keywords:** Childhood, infantile, psychoanalytic clinic.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela UFC; especialista em psicologia e práticas de saúde- Unifor, mestranda do curso de Pós-graduação em Psicologia da UFC. Tel: 99123792/ 88548359. End: Rua Tabelião Joaquim Coelho, 582, Água- Fria. CEP: 60833-261 email: renatacarvalhocampos@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O termo infantil comparece na teoria psicanalítica desde os primeiros escritos de Freud (1996/1893-1895), quando ele busca a compreensão dos fenômenos psíquicos, a partir da história de vida dos pacientes, sendo conduzido por eles às experiências situadas na infância. A princípio, não há uma distinção clara entre infância e infantil aparecendo ambos indistintamente para enfatizar a relevância dos primeiros anos de vida do indivíduo no desencadeamento da neurose. Será apenas na associação com a sexualidade que o infantil adquirirá novos contornos, participando dos quadros clínicos e compondo o núcleo traumático em torno do qual a doença irá se instaurar.

O trauma decorrente de uma vivência sexual da infância, cujo efeito se dá na vida adulta, através da associação com outra experiência que o atualiza, evidencia o modo de incidência do infantil sobre o psiquismo. A sexualidade já era compreendida como fator determinante na etiologia da neurose, no entanto, Freud (1996/1898) ainda a concebia como proveniente do outro. Ao construir sua primeira teoria pulsional, há um reordenamento concernente à sexualidade e esta passa a ser constitucional, recebendo o atributo de infantil. O traumático corresponde, a partir de então, à própria sexualidade que surge para o sujeito já na infância, manifestando-se por meio de pulsões parciais e revelando o desejo incestuoso através da fantasia edipiana.

Nesse momento, a realidade psíquica substitui a realidade material e a fantasia ocupa uma posição teórica privilegiada, elevando o infantil à categoria de conceito. Somente com a consideração da fantasia o infantil começa a se diferenciar da infância, pois ele introduz uma nova compreensão sobre o modo como os primeiros anos de vida influenciam na constituição do psiquismo (Zavaroni et.al, 2007).

Com relação à infância, ela é tomada como tempo no qual são inscritos os primeiros traços das experiências no psiquismo. Ao situar o trauma na infância, Freud busca, a princípio, pelo fato real e localizável, que garanta um estatuto de verdade para seu objeto, tal qual preconizado pelo modelo das ciências exatas do qual era adepto. Ao postular que não acredita mais na sua neurótica e propor o conceito de realidade psíquica, como aquela que na neurose é a decisiva, Freud (1897) desloca o trauma do mundo externo (sedução) para o mundo interno (fantasias). Com isso, altera, também, seu enfoque; da infância como período histórico que impele o sujeito ao adoecimento na vida adulta, para o infantil como efeito no inconsciente de uma sexualidade constitutiva do próprio sujeito.

É bem verdade que a busca pelo dado real nunca foi abandonada por Freud, haja vista o caso Homem dos lobos<sup>2</sup>, mas há uma mudança no modo de compreensão desses fatos e seus efeitos sobre o psiquismo. Com o declínio da sedução e sua substituição pela fantasia, há um retorno à predisposição constitucional e hereditária e um recuo na valoração das influências acidentais na etiologia da neurose. Freud (1996/1906) direciona sua atenção, nesse momento, para o recalque, assegurando que não importavam as excitações sexuais que um indivíduo tivesse experimentado em sua infância, mas antes sua reação a essas vivências – se respondera ou não a essas impressões com o recalque (p.263).

Consideramos, que o infantil em Freud ganha contornos mais precisos na primeira tópica, a partir da reformulação decorrente do abandono da teoria da sedução e demarcação de uma sexualidade constitucional. Já na segunda tópica, o termo sofre influência do conceito de pulsão de morte e o infantil passa a estar asso-

<sup>2</sup> Em História de uma neurose infantil (1996/1915), mais conhecido como caso do Homem dos lobos, Freud objetiva situar a cena traumática desencadeadora da doença em um período remoto da infância do paciente, aproximadamente por volta de um ano e meio de idade. Nesse caso, Freud oscila entre a consideração da realidade objetiva e de outra psíquica, por desejar atribuir à psicanálise o mesmo índice de legitimidade das outras ciências da época.

ciado ao desamparo e à angústia (Birman, 1997). Em Lacan, não há uma formalização do infantil, mas a compreensão de que a estruturação subjetiva ocorrida na infância conserva no inconsciente os traços fundamentais que determinam a própria condição do sujeito desejante, marcado pela incompletude e por aquilo que no adulto não se desenvolve.

Para diferenciarmos infância e infantil, optamos por associar a infância ao tempo cronológico e o infantil ao tempo lógico. Dessa forma, a infância aparece como período de inscrição das primeiras experiências do sujeito, o que marcaria sua importância para a constituição psíquica situada predominantemente na infância. Ou seja, apesar de estarem referidas ao tempo lógico, essas operações se dão em determinada fase da vida. Já o infantil está associado à sexualidade e ao inconsciente, constituindo-se como marca no psiquismo, independente da idade do sujeito. Se a infância configura-se como tempo cronológico que separa crianças e adultos, o infantil, por seu caráter intrínseco à pulsão aproxima os dois, evidenciando que no inconsciente não há temporalidade, só sujeito.

Acreditamos que essa discussão possa contribuir não só na clínica com crianças, mas com adultos, na medida em que, com Lacan, a querela sobre se há ou não especificidade na psicanálise com crianças adquire novo patamar, promovendo uma aproximação das duas clínicas. A definição do sujeito como objeto da psicanálise orienta a atuação do analista para além da idade do paciente, situando sua intervenção a partir dos modos de estruturação subjetiva e de sua posição na transferência.

Esse artigo compõe parte da pesquisa do mestrado cujo objetivo é investigar os fundamentos da clínica psicanalítica com adultos e crianças tendo o infantil como articulador. Abordamos a diferença conceitual entre infância e infantil, apontando de que forma esses termos comparecem na teoria psicanalítica. Por fim, apresentamos as repercussões dessa diferenciação na clínica.

Utilizamos a noção de neurose infantil como elemento central, que aproxima, na análise, adultos e crianças, tendo em vista, referir-se à estruturação do sujeito, independente de sua idade.

## 2. INFÂNCIA E CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

A infância é revelada na obra freudiana através do discurso dos pacientes adultos, que, invariavelmente, traziam para a análise “recordações fragmentárias” relativas aos primeiros anos de vida. O termo lembranças encobridoras refere-se a essas recordações que, segundo Freud, se sobrepunham a outras cujo acesso era negado à consciência, fazendo com que o indivíduo recordasse apenas aspectos aparentemente banais de sua infância. (Freud, 1996/1899, p. 287).

Podemos perceber, portanto, que nas lembranças encobridoras há distorções de conteúdo, fruto do recalque e, também, um apagamento das lembranças importantes (amnésia infantil), que são substituídas por outras de menor importância, e cuja origem, Freud situa no momento em que são relembradas e não na infância. Na verdade, ele afirma que são criadas, posteriormente, pelo indivíduo para encobrir eventos da infância. Esse texto nos interessa especialmente por esses dois aspectos relacionados à infância: a amnésia e o recalque.

Sobre a amnésia infantil cabe mencionar os questionamentos freudianos sobre sua existência, tendo em vista, não encontrar justificativa para tal ocorrência, já que a criança expressa a partir de certa idade notória capacidade de pensamento e discernimento. Dessa forma, é proposta uma equivalência entre a amnésia patológica (histeria) e a infantil. Nas palavras de Freud:

O histérico, habitualmente, mostra uma amnésia em relação a algumas ou todas as experiências que levaram à instalação de sua doença, as quais, por isso mesmo, tornaram-se importantes para ele e,

que, independentemente disso, podem ter sido importantes por si mesmas. A analogia entre esse tipo de amnésia patológica e a amnésia normal que afeta nossos primeiros anos de vida parece-me fornecer um valioso indício da íntima ligação que existe entre o conteúdo psíquico das neuroses e nossa vida infantil (Freud, 1996/ 1899, p. 287, 288, grifo nosso)

Essa ligação da neurose com a vida infantil refere-se à sexualidade, como veremos mais adiante, mas também, ao recalque como operação fundante do psiquismo. Em *Lembranças encobridoras* Freud alude ao recalque pela via das deformações ou “falseamentos das lembranças desagradáveis ou abjetáveis,” que por seu caráter devem ser afastadas da consciência. Há uma tentativa, já nesse texto, de situar a experiência ocorrida na infância e sobre ela a construção de uma lembrança, que, no entanto, não coincide como o evento real. Podemos afirmar, então, que Freud já esboça uma incipiente diferenciação entre infância e infantil, uma vez que, essa discordância entre a realidade factual da infância e como ela é construída pelo sujeito quando ele fala, sinaliza que não se trata da mesma coisa. Denota que, sobre a experiência vivida e a operação psíquica de rememoração, sobreveio o recalque. (Freud, 1996/ 1899, p. 304).

As lembranças banais da infância denominadas de encobridoras são retidas na memória devido às suas distorções e deslocamentos no espaço e no tempo, mantendo por um lado a distância da lembrança recalçada e conservando, por outro, seu vínculo com ela. É nessa condição que elas podem ser acessadas, obedecendo aos mesmos princípios de produção dos sintomas e de outras formações do inconsciente.

Freud sintetiza da seguinte forma sua concepção de infância e das lembranças infantis:

Com efeito, pode-se questionar se temos mesmo alguma lembrança proveniente de nossa infância: as lembranças relativas à infância talvez seja tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. E inúmeros motivos sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participaram de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças. (Freud, 1996/1899, p. 304).

Quer seja lembrada ou não, a infância constitui-se numa cronologia como início da vida do indivíduo; momento no qual são inscritos os primeiros registros de experiência no psiquismo e de entrada no mundo da linguagem. É bem verdade que a estruturação psíquica não obedece ao tempo cronológico, mas lógico, como situa Lacan (1998/1945), no entanto, não se pode desconsiderar a existência de um período em torno do qual essas inscrições se dão e produzam um efeito de sujeito.

Em *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, Lacan (1998/1945) apresenta, através de um sofisma, a formulação do tempo lógico como aquele que rege o funcionamento do inconsciente. Trata-se de três prisioneiros prestes a alcançar a liberdade; mas, para isso, terão de solucionar uma questão. A cada um é dado um disco, que pode ser preto ou branco, sendo cinco no total (três brancos e dois pretos), que são afixados em suas costas sem que vejam a cor. Dessa forma, eles têm de descobrir de modo lógico qual é a sua cor a partir da observação dos demais. São instituídas três operações lógicas, ver,

compreender e concluir. Três tempos para se alcançar a asserção sobre si, a partir de uma antecipação que se faz pela pressa, enquanto “tensão temporal que exige do sujeito um juízo antecipado sobre si”. (Medeiros e Mariotto, 2006, p. 48).

Segundo essa lógica, o tempo do inconsciente não é marcado pela sucessão de eventos, estabelecendo passado, presente e futuro, a exemplo do funcionamento consciente; e sim, pela significação retroativa inscrita pelos eventos. Um evento adquire sentido pela inclusão de um novo que re-significa o anterior. Dessa forma, o tempo lógico inscreve, inicialmente, uma noção de futuro antes do passado, a partir da tensão do presente. (Medeiros e Mariotto, 2006).

Freud apresenta no Projeto para uma psicologia científica (1996/ 1950 [1895]) sua compreensão da gênese dos processos psíquicos, a partir de um modelo neurológico. Nele identificamos elementos para pensarmos a constituição psíquica em relação à temporalidade, logo, à infância. Tempo de inscrição e transcrição de traços mnemônicos, pois o pensamento, a memória, a realidade, o juízo, são abordados a partir das sucessivas alterações provocadas por essas operações de acúmulo e descarga das quantidades de estímulos no sistema nervoso. É na condição de poder acumular quantidades de excitação e adiar a descarga, que o pensamento torna-se possível e com ele a delimitação dos processos conscientes e inconscientes.

Nessa obra, Freud constrói o modelo da primeira experiência de satisfação que nos interessa especialmente por revelar o modo como é construída a realidade psíquica, (separação entre mundo interno e mundo externo), a partir da alternância entre presença/ausência do objeto de satisfação.

Ao nascer, a criança não dispõe da capacidade de reagir no sentido de extinguir um aumento de tensão no aparelho psíquico. Logo, ela depende de outro competente para atender suas necessidades, proporcionando-lhe prazer em virtude do alívio da tensão interna. Há, nesse momen-

to, o comparecimento do objeto que produz a satisfação da necessidade e a inscrição de um traço mnésico da sua imagem. Nesse caso, a manifestação instintual é da ordem de uma simples necessidade, pois não houve mediação psíquica para a ocorrência da satisfação pulsional.

Após essa primeira experiência, as necessidades da criança aparecem vinculadas aos restos mnésicos da imagem da primeira satisfação. Dessa forma, o campo pulsional sobrepõe o do instinto, não se podendo falar mais em satisfação da necessidade, e sim da pulsão. A partir de então, o traço mnésico da primeira satisfação é reinvestido ao ocorrer o aumento da tensão interna no surgimento de cada nova necessidade. A criança alucinará o objeto quando houver aumento de tensão e fará uma comparação entre a satisfação alucinada e a insatisfação real, estabelecendo gradativamente a diferença entre mundo interno e mundo externo. Essa busca pela satisfação daquilo que está situado além da necessidade, já que, não se trata mais de uma simples necessidade orgânica, após a primeira experiência, e sim de uma demanda de amor, orienta o sujeito a buscar seus objetos na realidade.

A partir dessa primeira experiência, Lacan (2008/1964) estabelece o encontro do indivíduo com o Outro. Ao eliminar o desconforto pela ação específica que reduz a tensão, há, ainda, a oferta de palavras e a introdução do infans no universo simbólico. A troca de significantes se faz, a princípio, através do grito da criança, cuja função é a de apelo ao Outro, além de indicar o objeto hostil que causou a experiência desagradável. No entanto, esse grito só se torna significativo quando o Outro o recebe como mensagem e a responde.

É nessa condição, que se forma o par mínimo da cadeia significativa S1-S2, onde S1 representa o grito e S2 a resposta. S1 como primeiro significativo depende, no entanto, de S2, pois é ele que introduz a dimensão significativa de S1, só partir de S2, portanto, é inaugurada a função de

significação da linguagem. É só na articulação S1-S2 que há produção de sentido e alienação.

Lacan (2008/1964) situa a alienação como a primeira de estruturação do sujeito. O campo do sujeito é vazio, a princípio, e o do outro contém todos os significantes. Isso significa que a condição de existência do sujeito é o próprio encontro com o Outro, na medida em que, o sujeito toma o significante S1 do Outro para se representar juntos aos significantes S2. O sujeito é constituído, portanto, a partir da nomeação desse vazio, quando o significante o recorta do real, delimitando-o. Isso significa que “o campo do ser se inaugura e se instaura quando barreiras, limites são impostos à indiferenciação do real. Ora, são exatamente os significantes que vão primeiramente distinguir um “dentro” de um ‘fora’.” (Bulcão, 2010, p. 4).

O campo do ser é o campo do discurso, campo do significante e do Outro, ao passo que o do sujeito é vazio, compreendendo o silêncio e o desaparecimento. Se o significante S1 produz o sujeito, ao mesmo tempo, ele o apaga. Por isso, Lacan (2008/1964) afirma que na alienação o sujeito aparece de um lado como sentido produzido pelo significante, e por outro como afânise. O destino do sujeito é a alienação, porque se ele recusa o sentido atribuído pelo significante, ele acaba caindo no sem sentido ou no silêncio. Essa é a condição de sujeito dividido, barrado, pois, segundo Bulcão (2010), o fato de que o sujeito enquanto tal não se manifesta senão no intervalo de S1-S2, isto é, antes de o sentido se constituir, mas depois de um significante ter sido capturado ( p. 4).

Para haver separação é preciso que haja o corte do binário S1-S2. É necessário que o sujeito seja capturado pela cadeia discursiva e apagado no processo de apresentação, que compõe a alienação, mas também, que renuncie a essa representação significativa. Ligado à cadeia (S1-S2), S1 tem valor de mediador do sujeito com o Outro, o que caracteriza a alienação com a submissão do sujeito ao Outro. Sozinho,

S1 tem outro valor, reduzindo o Outro, promove a separação do sujeito, que passa a não estar mais representado no Outro.

Nas palavras de Lacan (2008/1964, p. 216): será que não basta que eu responda (...) que só há surgimento do sujeito no nível do sentido por sua afânise no Outro lugar, que é o do inconsciente?

### 3. O INFANTIL, A SEXUALIDADE E O INCONSCIENTE

Freud (1909/1996) ao vislumbrar a força de influência da infância na neurose, solicita que os psicanalistas observem as manifestações sexuais das crianças, na tentativa de compreender o infantil presente na sexualidade adulta. Há, portanto, uma confusão entre infância e infantil, na medida em que, se pretende com essas observações descobrir na criança real o fio condutor até a sexualidade do adulto. Como se se tratasse da realidade material das experiências da infância, e não dos efeitos do infantil enquanto “conceito psicanalítico que aponta para as inscrições inconscientes advindas do processo do recalque” (Zornig, 2008, p. 38).

Apesar da ambiguidade entre os termos, Freud (1996/1912) compreende a presença do infantil na clínica como marca psíquica independente da idade do sujeito e manifesta sob a forma da transferência. É na atualização das posições ocupadas pelo sujeito frente às figuras parentais que o infantil comparece na clínica, permitindo ao analista intervir a partir do endereçamento dos investimentos do paciente para sua pessoa.

A libido (inteiramente ou em parte) entrou num curso regressivo e reviveu as imagos infantis do indivíduo. O tratamento psicanalítico então passa a segui-la; ele procura rastrear a libido, torná-la acessível à consciência e, enfim, útil à realidade. No ponto em que as investigações da análise deparam com a libido

retirada em seu esconderijo, está fadado a irromper um combate; todas as forças que fizeram a libido regredir erguer-se-ão como 'resistências' ao trabalho da análise, a fim de conservar o novo estado de coisas. (Freud, 1996/1912, p.114).

Em recordar, repetir e elaborar (1996/1914) há uma compreensão do trabalho de análise como repetição ou atuação do paciente relativa aos conteúdos inconscientes. Assim, o indivíduo não recorda como lembrança as experiências infantis recalçadas, mas, antes, atua, "repete-o sem, naturalmente saber que o está repetindo." (Freud, 1996/1914, p. 164).

Essa repetição comporta a marca do recalque, uma vez que, o que é esquecido ou rechaçado e tenta se manifestar é justamente o conteúdo sexual infantil das primeiras experiências. Desse modo, o paciente "repete tudo que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta - suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter." O infantil, portanto, comparece na clínica freudiana, atrelado à transferência e à repetição, estando intimamente associado ao inconsciente e à sexualidade. (Freud, 1996/1914, p. 167).

A sexualidade esteve presente no pensamento freudiano desde o início das formulações sobre a histeria, mas foi mais bem fundamentada a partir do conceito de pulsão definido nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1996/1905). Nesse texto, é assinalado o caráter perverso polimorfo da pulsão marcada pela multiplicidade de fontes e objetos de satisfação, não havendo uma prefiguração para determinado modo de satisfação pulsional. Se num primeiro momento é apresentada a modalidade perversa da sexualidade, que na época era denominada de aberrações sexuais, logo em seguida, a sexualidade qualificada de infantil é definida como igualmente perversa, já que marcada pelo

predomínio de pulsões parciais que visavam o prazer em diversas zonas erógenas e não a genitalidade.

A pulsão se diferencia do instinto, na medida em que a sexualidade comporta um repertório variado de manifestações que não se prestam unicamente à reprodução. Os campos do prazer e do desejo ensejam outra forma de relação do sujeito com seu corpo, que não apenas aquela proposta pela biologia. A sexualidade se constitui como fundamento do aparelho psíquico e de seu funcionamento, pois está relacionada à própria estruturação psíquica no que concerne aos modos de resposta do sujeito às exigências pulsionais. (Padilha e Cardoso, 2012).

A sexualidade ao se manifestar por meio das pulsões aciona uma defesa contra as exigências de satisfação, cujo efeito é o afastamento da consciência do representante ideacional da pulsão. O recalque compreende, assim, duas ações, sendo a primeira, o recalque originário, a operação psíquica que funda o núcleo do recalcado, a partir de uma fixação e inscrição de uma representante pulsional no inconsciente. Essa representante exerce uma força de atração inconsciente sobre os conteúdos com os quais possa vir a entrar em associação. O recalque secundário corresponde, portanto, à ação de rechaçar da consciência essas ideias que entraram em associação com o originalmente recalcado. Esse é o recalque propriamente dito e, age de modo permanente em oposição ao contra investimento do sistema inconsciente. (Freud, 2010/1915).

O recalque opera, assim, sobre dois componentes pulsionais a *vorstellungsrepräsentanz* (representante-representação) e o afeto, sendo que ambos os destinos podem ser completamente diversos. No que concerne à representante ideativa, ela é afastada da consciência, já o destino do afeto pode ser triplo: ser totalmente suprimido, aparecer como afeto qualitativamente diferente ou, ainda ser transformado em angústia. (Freud, 2010/1915).

Podemos pensar no infantil como correlativo ao precipitado do recalçado que tenta se expressar via consciência, estando, portanto, referido ao inconsciente. Em seu artigo metapsicológico, Freud (1915/1996) ao descrever o inconsciente, lhe atribui características próprias, diferenciando suas propriedades daquelas que regem a consciência. Dentre elas, estão: a inexistência do princípio da não contradição mútua; a inexistência de negação - as associações de ideias são regidas pelos processos de condensação e deslocamento (processo primário) em oposição ao processo secundário, que rege o sistema consciente; a atemporalidade do inconsciente e, por fim, o princípio do prazer regula o funcionamento inconsciente.

O inconsciente está identificado com o próprio infantil, tendo em vista suas propriedades, sobretudo, a atemporalidade - que faz com que a história do sujeito seja construída de modo não cronológico, mas retroativo, pois não há sucessão temporal de passado, presente e futuro. O termo utilizado por Freud para marcar esse caráter tardio do acontecer psíquico foi *nachträglich*. Esse termo, utilizado nos estudos sobre histeria, ganha destaque na carta 52 (6 de dezembro de 1896), por referir-se à capacidade do aparelho psíquico de realizar um movimento constante de transcrição e rearranjo de experiências, que a princípio são banais, mas podem ser remodeladas pelo sujeito em função de novas experiências. Dessa forma, Freud define uma temporalidade retrospectiva fundamentada na capacidade do indivíduo recriar permanentemente o passado, construindo uma memória não linear e sim possível de ser reeditada a cada novo evento. (Lambda, sem ano).

A relação entre inconsciente e infantil pode ser resumida na seguinte passagem de Notas sobre um caso de neurose obsessiva, conhecido, também, como o caso do Homem dos Ratos :

Observei que, aqui, ele havia atingido uma das principais características do inconscien-

te, ou seja, a relação deste com o infantil. O inconsciente, expliquei, era o infantil (grifo do autor); era aquela parte do eu (self) que ficara apartada dele na infância, que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento e que, em consequência, se tornara recalçada. Os derivados desse inconsciente recalçado eram os responsáveis pelos pensamentos involuntários que constituíram sua doença (Freud, 1996/1907, p.158).

Essa identificação do infantil com o inconsciente adquire novos contornos a partir de 1920, quando ocorre a reformulação no pensamento freudiano e o estabelecimento da nova tópica do aparelho psíquico. De acordo com a nova proposição, o princípio do prazer não é a única tendência dominante no psiquismo, tendo em vista os fenômenos observados na clínica e fora dela, que sinalizavam para o cumprimento de outro propósito, situado mais além do princípio do prazer e, ao mesmo tempo, mais primitivo do que este. Dentre esses fenômenos estão: os sonhos nas neuroses traumáticas, a compulsão à repetição e as brincadeiras das crianças que reproduziam situações penosas. (Freud, 1996/1920).

Nesses eventos ficava evidente a tentativa do indivíduo de responder à intensidade de estímulos que lhe assolavam, quando frente a uma experiência traumática não teve a angústia como recurso de defesa. A partir de então, a vivência era repetida, quer em sonhos, quer em atuações na clínica, ou mesmo através de brincadeiras, no caso das crianças, com o objetivo de vincular a energia psíquica livre no interior do aparelho para que, assim, a tensão interna fosse diminuída.

Com efeito, ainda observamos o predomínio indireto do princípio do prazer, já que a redução das quantidades de excitação produz prazer, no entanto, o propósito fundamental de tais fenômenos não era mais a manutenção de uma intensidade energéti-

ca ótima no aparelho psíquico (princípio de constância), e sim uma cessação completa do funcionamento mental, que Freud qualifica como tendência ao inorgânico, marcando a nova dualidade pulsional - pulsões de vida e de morte.

O princípio do prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. É verdade que mantém guarda sobre os estímulos provindos de fora, que são encarados como perigos por ambos os tipos de instintos, mas se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos de dentro, que tornariam mais difícil a tarefa de viver. (Freud, 1996/1920, p. 71).

Seguindo nossa exposição, podemos perguntar o que muda com relação ao infantil? De que forma a relação com o inconsciente pode ser compreendida a partir da nova tópica? Freud nos indica a resposta através da compulsão à repetição. Já dissemos, anteriormente, que a repetição na análise denunciava a tentativa de retorno do recalcado expressa na forma de atuação ao invés da recordação. No entanto, a partir de 1920, os desdobramentos da nova teoria pulsional promoveram um maior enfoque na repetição, elevando-a ao nível de uma compulsão. Esse dado revela um novo modo de compreender o funcionamento mental, tendo em vista, a referência ao fator econômico, ao excesso pulsional que ganha destaque, a partir de então.

Nessa perspectiva, o infantil associa-se à compulsão à repetição, ao que no psiquismo permanece como energia livre, não vinculada e obedecendo ao processo primário que rege o inconsciente. Freud diferencia, assim, uma repetição que pertence ao campo das experiências agradáveis, como os chistes e brincadeiras de crianças, às quais o sujeito repete com o intuito de obtenção de satisfação, portanto, obedecem ao princípio de prazer – de uma compulsão à repetição presente na clínica, desvinculada do princípio do prazer.

No caso de uma pessoa em análise, pelo contrário, a compulsão à repetição na transferência dos acontecimentos da infância evidentemente despreza o princípio de prazer sob todos os modos. O paciente comporta-se de modo puramente infantil e assim nos mostra que os traços de memória reprimidos de suas experiências primeiras não se encontram presentes neles em estado de sujeição, mostrando-se elas, na verdade, em certo sentido, incapazes de obedecer ao processo secundário. (Freud, 1996/1920, p. 45, 46, grifo nosso).

O infantil pode ser considerado nessa fase do pensamento freudiano como relativo a esses traços de memória recalcados que não foram submetidos ao processo secundário. Temos, assim, em Freud, um desenvolvimento conceitual onde, inicialmente, havia uma concepção de infantil atrelada à sexualidade e ao processo primário, que rege o funcionamento do inconsciente. Separado do registro da reminiscência, como um resto excluído do campo da memória, o infantil passa a compor a estrutura do inconsciente. Sonhos, chistes, atos falhos e sintoma presentificariam o infantil atrelado agora ao desejo.

Com a teoria da sexualidade, o infantil foi associado à pulsão. A sexualidade concernida ao inconsciente apresentava o infantil sob a forma das pulsões perverso-polimorfás, que exprimiam o desejo, seguindo o princípio do prazer. (Birman, 1997).

A partir de 1915, com os artigos metapsicológicos, a pulsão começa a se afastar de uma identidade estritamente sexual, havendo pulsões sexuais e não sexuais. Freud diferencia o campo pulsional a partir da sua representabilidade no psiquismo. Assim, as pulsões sexuais seriam aquelas inseridas no universo da representação, “ao passo que a força pulsional no sentido

estrito não teria qualquer atributo erógeno.” Essa intensidade remeteria ao infantil. (Freud, 1996/1915, p. 21).

Na segunda tópica, essa força pulsional constituiu o cerne da pulsão de morte, definida como aquela que o campo da representação não pode conter de início, já que o representante ideativo da pulsão sempre chega com atraso, o que, inevitavelmente, marca o psiquismo com um trauma. Nesse desdobramento o infantil é identificado ao trauma e permeado pela angústia do real, que não se inscreve no campo da representação, sendo exterior ao âmbito do desejo. Esse caráter traumático conduz o indivíduo à experiência do desamparo, evidenciando “a razão pela qual o indivíduo humano seria infantil por vocação e não por acidente em seu percurso genético-evolutivo”. (Freud, 1996/1915 p. 25).

O infantil comporta, paradoxalmente, a possibilidade de saída desse desamparo, pois permite ao sujeito construir uma história incluída no tempo do desejo. Se o infantil é trauma, enquanto presença absoluta do irrepresentável da pulsão, instituindo um eterno presente, desvinculado do campo histórico, ao mesmo tempo, é o que impõe o trabalho de ligação e inclusão desse conteúdo traumático numa temporalidade. Sem o intermédio do infantil, o sujeito estaria fadado à imobilidade produzida pela plenitude, sem ter qualquer fratura no seu ser que lhe impulsionasse para a construção de uma história”. (Freud, 1996/1915, p 27).

#### 4. O INFANTIL E SUAS REPERCUSSÕES CLÍNICAS

Pensar como o infantil se apresenta na clínica psicanalítica é tentar definir os efeitos dessa fratura do ser no sujeito. O modo como ocorre a estruturação subjetiva a partir dessa falha faz com que o trabalho da psicanálise esteja orientado por uma lógica que não inclui uma perspectiva desenvolvimentista. Ao contrário, a própria incompletude do sujeito é sua condição de ser de linguagem e se presentifica no tra-

tamento como apelo para que o analista atenda a sua demanda e tampone sua falta. Com efeito, o infantil na clínica aponta a fragilidade do sujeito, quer se trate de adultos ou crianças, pois não há como escapar dessa condição, “não existe gente grande” (Lacan, 1968, p. 367).

O infantil marca, assim, a clínica com crianças e adultos, servindo de ponto de ancoragem sobre o qual Freud desenvolveu suas concepções sobre a etiologia da neurose. Segundo Pacheco (2012, p. 39), “o fundamento clínico da psicanálise é o conceito de neurose infantil.” Esse fato fica evidente na análise do Pequeno Hans e no caso do Homem dos lobos como abordaremos a seguir.

Freud (1996/1909), em Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909/1996), relata que Hans desenvolve uma fobia de cavalos a partir de sua dificuldade em atravessar o Édipo. Ele constrói uma fobia para se proteger do desejo incestuoso que não recebe a interdição do pai de modo eficiente. Em plena fase fálica, supõe a universalidade do pênis a todos os seres, demonstra vívido interesse em ficar sozinho com sua mãe e não consente na castração de modo imediato, antes ignora as ameaças feitas por ela. Sua curiosidade sexual aumenta com o nascimento da irmã, colaborando para a construção de teorias sexuais, bem como de sua neurose.

Com o caso Hans, Freud (1996/1905) em pretende comprovar sua teoria sobre a sexualidade infantil e contribuir para a compreensão das fobias e promover um maior entendimento sobre a vida mental infantil. Com relação à sexualidade, suas teses são confirmadas à medida que Hans demonstra curiosidade pela diferença sexual e pela origem dos bebês, além de seus impasses com o complexo de Édipo e de castração.

No que concerne à compreensão da fobia, Freud a aproxima da histeria exceto pelo destino dado à libido após o recalque. Na histeria a libido é convertida da esfera mental para o corpo, produzindo inerva-

ções somáticas, enquanto na fobia ela fica livre como angústia e tenta se vincular psicologicamente. O objeto fóbico é produzido com a função de circunscrever a angústia, evitando o retorno da representação recalçada, uma vez que é seu substituto simbólico (Zornig, 2008).

Já com relação à vida mental infantil, Freud esclarece que são muito frequentes as fobias na infância, desaparecendo, espontaneamente, em muitos casos. No entanto, em outros, pode retornar sob a forma de uma neurose constituída na vida adulta, mas que não deixa de ter relação com sua primeira fase na infância. Desse modo, evidencia-se o caráter estruturante apresentado pela fobia, pois permite articular o sintoma às vicissitudes do Édipo e da castração, sugerindo um momento de organização psíquica. (Zornig, 2008).

Ao final do caso, Freud (1996/1909) afirma que não aprendeu nada de novo com a análise do Pequeno Hans, “nada que eu já não tivesse sido capaz de descobrir (...) em outros pacientes analisados numa idade mais avançada. Mas a neurose desses outros pacientes podia, em todos os casos, ser reportada aos mesmos complexos infantis que foram revelados por trás da fobia de Hans.” (p.131. grifos nossos). Ao se referir a esses complexos, Freud faz referência a um núcleo da neurose ensejado pelo infantil, presente nos indivíduos de qualquer idade.

A neurose infantil configura-se, assim, de dois modos: como ponto culminante da estruturação psíquica como vimos no caso Pequeno Hans e como reconstrução na análise de adultos do retorno do recalçado, isto é, do infantil como formação do inconsciente, como veremos no caso Homem dos lobos.

A neurose infantil suscita, ainda, a construção da realidade psíquica do sujeito, onde os sintomas representam a tentativa da criança de interpretar suas vivências edípicas conflituosas. Já no caso dos adultos, neurose de transferência se associa à neurose infantil repetindo-a, não de forma inerte, mas como “remanejamen-

to de traços mnêmicos que permitem ao sujeito reescrever a sua história”. (Zornig, 2008, p. 56).

História de uma neurose infantil, ou, simplesmente, Homem dos Lobos, é um caso paradigmático na psicanálise por ter servido, dentre outros motivos, aos propósitos de Freud, na disputa com Jung, de assegurar a etiologia sexual das neuroses. Freud (1996/1918) se opunha ao monismo pulsional de Jung, que dessexualizou a pulsão, reduzindo a importância da sexualidade no funcionamento psíquico. Nesse contexto, as impressões da infância também foram alvo de discussão, pois era questionada a legitimidade do método psicanalítico por valorizar recordações dos pacientes de seus primeiros anos de vida, que poderiam, muito bem, não passar de imaginação ou ser efeito de sugestão. (Celes, 1995).

Apesar de o paciente contar com dezenove anos, quando inicia sua análise, Freud denomina o caso de neurose infantil, tendo em vista desejar situar a origem da neurose do paciente adulto na infância. Portanto, a neurose atual é uma continuação ou retorno da neurose infantil. Nesse panorama, Freud oscila entre a busca do dado real da experiência traumática, numa alusão à sua antiga teoria da sedução, e a dimensão da cena primária (coito dos pais), enquanto fantasia inconsciente.

Opõe, assim, o realismo da cena infantil à realidade psíquica do analisando. O estatuto de realidade das experiências infantis é discutido e a realidade objetiva sobrepõe a perspectiva que atribuía a essas cenas um caráter fantasístico. Com isso, Freud parece resgatar a teoria do trauma, pois as recordações da infância são percebidas como evento real, que afeta o indivíduo e produz a neurose. Daí sua tentativa incessante de precisar a data da cena primária e do sonho com os lobos, estabelecendo uma cronologia para os eventos (Celes, 1995).

No entanto, há uma tentativa de conciliação entre as duas tendências mencionadas acerca da realidade, uma vez que,

após revisão do caso, Freud acrescenta uma nota, onde apresenta a ideia de fantasias originárias. De ordem filogenética, essas fantasias seriam típicas ou universais e reuniriam fragmentos da realidade material com construções fantasísticas, daí sua frequência observada na clínica. Dessa forma, Freud opta, não por uma escolha entre as duas teorias, mas por uma combinação de ambas.

Por fim, podemos afirmar que ao estabelecer o lugar da realidade psíquica nas neuroses, Freud (op cit) define o infantil como tempo de construção da fantasia. É só assim que podemos precisar o lugar do infantil na clínica, tendo em vista que a neurose infantil é construída na análise, cuja dimensão temporal se efetiva a posteriori. Portanto, “trata-se de mostrar o rigor da significatividade dessas cenas-fantasias e de suas relações temporais na conformação da neurose.” (Celes, 1995, p. 81).

Acreditamos que a relevância dessa pesquisa consiste na contribuição que ela pode dar à clínica. Nosso objetivo não se restringe à psicanálise com crianças, tendo em vista, nossa proposta de diferenciar os dois termos e tomar o infantil como conceito central correlato ao inconsciente. O que significa que para a psicanálise o importante é a dimensão do sujeito, como ele articula seu desejo e como se posiciona frente ao Outro.

Mesmo nos casos onde adultos procuram análise, eles o fazem movidos por uma insatisfação em não corresponder aos ideais de maturidade e independência almejados. Assim, são movidos pela insuficiência, incapacidade ou inabilidade de responder ao que acreditam ser demandado deles. Expressam, com isso, um modo de funcionamento infantil por pressuporem que existe um modelo ideal de adulto ao qual devem seguir.

Para a psicanálise não existe adulto porque esse ideal de realização é imaginário e quando alguém procura análise, o que o move são traumas e fantasias infantis. É o infantil como incompletude que

comparece na clínica e suscita a angústia. Por isso o que interessa à psicanálise não é a idade do sujeito - não importa se se trata de adultos ou crianças- mas a escuta do sujeito do inconsciente. Se esta se dá através da palavra ou em associação com o brinquedo, acreditamos que não há motivo para se falar em uma clínica de especialidades por idade.

Finalizamos com as palavras de Eric Laurent sobre os riscos dessa separação entre análise de adultos e crianças. “Com el pretexto de la especialización o de la subespecialización, toda tentativa de aislamiento es perjudicial para el conjunto del movimiento analítico. (Laurent, 1999, p.185,186).

## REFERÊNCIAS

- Birman, J.(1997). Além daquele beijo!? Sobre o infantil e o originário em psicanálise. In: Da análise de infância ao infantil na análise. SANTA ROZA, Eliza. Rio de Janeiro, Contra- Capa.
- Bulcão Nascimento, Marcos. (2010). Alienação, separação e travessia da fantasia. In: Revista Opção Lacaniana on line, ano 1, nº1, março de 2010. Acesso em 02 de Maio. 2014 [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o\\_separa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_a\\_travessia\\_da\\_fantasia.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf).
- Celes. L.A. M. (1995). O estatuto temporal da fantasia. In: Tempo Psicanalítico. nº28, p.71-86, 1995. Acesso em: 9 de abril. 2014 <http://www.spid.com.br/revistas/r28/04%20TP28%20-%20Luiz%20Augusto%20M.%20Celes.pdf>.
- Celes, L.A.M, Viana. Terezinha de Camargo, Zavaroni. Dione de Medeiros Lula. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. In: Estudos de Psicologia, 12(1), p. 65-70. Acesso 20 de Março 2014 em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a08v12n1.pdf>.
- Freud, Sigmund. (1996). Estudos sobre Histeria. Em: Edição Standard brasileira

- das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 1). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1893-1895 )
- \_\_\_\_\_. (1996). Projeto para uma psicologia científica. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 1). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1895[1950])
- \_\_\_\_\_. (1996). Carta 52. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 1). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1896 )
- \_\_\_\_\_. (1996). Carta 69. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 1). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1897).
- \_\_\_\_\_. (1996). A sexualidade na etiologia da neurose. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 3) Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1898).
- \_\_\_\_\_. (1996). Lembranças encobridoras. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 3). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1899).
- \_\_\_\_\_. (1996). Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 7). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1905).
- \_\_\_\_\_. (1996). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 2) Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1906).
- \_\_\_\_\_. (1996). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 10) Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1909).
- \_\_\_\_\_. (1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 10). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1907).
- \_\_\_\_\_. (1996). A dinâmica da transferência. v. XII. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 12). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1912).
- \_\_\_\_\_. (1996). Recordar, Repetir e Elaborar. v. XII. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 12). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1914 )
- \_\_\_\_\_. (1996). Artigos sobre metapsicologia. Repressão. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 14). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1915)
- \_\_\_\_\_. (1996). Artigos sobre metapsicologia. O inconsciente. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 16). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1915).
- \_\_\_\_\_. (1996). História de uma neurose infantil . Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 17). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1918).
- \_\_\_\_\_. (1996). Além do princípio do prazer. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Volume 18). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1920)
- Lacan, J. (1998a). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Em: Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ( Publicado originalmente em 1915).

- \_\_\_\_\_. (1998b). O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Proferido originalmente em 1964)
- \_\_\_\_\_. (2003). Alocuções sobre as psicoses da criança. Em: Outros Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Proferido originalmente em 1968).
- Lambda. Maxwell.(2014). A temporalidade do a posteriori. Acesso em 5 de fevereiro 2014 em: [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/19587/19587\\_4.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/19587/19587_4.PDF)
- Laurent, E. Hay un fin de análisis para los Niños? Buenos Aires: Coleccion Diva, 1999.
- Medeiros. Melania. S, Mariotto. Rosa M.M. (2006). O tempo da constituição do sujeito. Em: Leda Maria Fischer Bernardino(organizadora). O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição. São Paulo: Escuta.
- Pacheco, Ana Laura Prates. (2012). Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças. São Paulo: Anna Blume.
- Padilha Netto, Ney Klier; CARDOSO, Marta Rezende. Sexualidade e pulsão: Conceitos indissociáveis em Psicanálise? Em: Psicologia em Estudo. Maringá, v.17, n. 3, setembro de 2012. Disponível a partir do <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000300018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000300018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 de maio de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000300018>.
- Zornig, Silvia Abu-Jamra. (2012). A criança e o infantil em psicanálise. São Paulo: Escuta.